

Apresentando Santiago Vega (Washington Cucurto)

Pedro Amaral*

* *Escritor, autor de Vívido (7Letras, 1995) e Breve Encontro (Rocco, 2002), assessor de relações internacionais da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.*

Santiago Vega, mais conhecido como Washington Cucurto, nasceu na província de Quilmes em 1973. Entre seus livros, constam *Zelarayan* (poesia; 1998), *La Máquina de Hacer Paraguayitos* (poesia; 1999) e o texto em prosa *Cosa de Negros* (2003), considerado a revelação daquele ano pelo jornal *Página 12*. Sua poesia intensa, provocativa, muito voltada para as margens da metrópole argentina, com seu *lunfardo* intraduzível, seus imigrantes pobres, prostitutas, dançarinas *cumbianteras* (a *cumbia* talvez possa ser comparada à nossa gafieira), tem sido por vezes associada à de nomes consagrados da literatura argentina contemporânea, como Néstor Perlongher, Osvaldo Lamborghini e Oliverio Girondo. “Washington Cucurto está decidido a retorcer, enfeiar e despedaçar a língua”, escreve, com admiração, a crítica literária Paula Siganevich, uma das editoras da revista brasileiro-argentina *Grumo*. A pesquisadora afirma, ainda, que Cucurto estaria dando continuidade à ‘missão’ iniciada por autores como Perlongher e Lamborghini, qual seja, a de “destruir a golpes de palavras todas as instituições, como as de gênero social e sexual”. Com efeito, o poeta

assume frequentemente a voz de outros em seus textos, como neste trecho de “Idalina descalza em la mañana” (de *La Máquina de Hacer Paraguayitos*):

“(...) No me quejo del amor/ ni de sus cuidados./ Me ha dado más que a muchas./ He gastado treinta largos años,/ para adquirir experiencia/ y a mi poca sabiduría la tengo bien atendida/ y cotejada./ Ya basta, ya no soy una florcita,/ estoy próxima al polvo de los cincuenta/ y lejos de la silueta. // Soy la Respectabilísima, la Dominicana./ He pagado los impuestos con mis ahorros./ Y todavía conservo el orgullo de afirmar que ninguno/ ha sido infeliz en esta cama./ Me escuchas?/ Estás ahí?/ Te estoy hablando, pelotudo.”

Quem lê a respeito de sua iconoclastia, de seu desprezo corrosivo por todas as convenções, talvez pudesse se surpreender ao deparar, num pequeno café do tradicional bairro portenho de Almagro, próximo à sede da editora Eloisa Cartonera, com um gorducho boapraça, afável e irônico, que recita os próprios poemas com certa timidez. No entanto, a impressão de recato se esvai quando Cucurto – aliás, um mestre da autopublicidade – entra a falar da Eloisa Cartonera (contato: jsbarilaro@hotmail.com). Como ele mesmo gosta de frisar, Eloisa é a primeira editora *cartonera* da Argentina, ou seja, a primeira a empregar catadores de papelão e a matéria-prima que eles recolhem vasculhando as lixeiras da capital argentina – um tipo de cena a que os habitantes das metrópoles brasileiras já estamos mais que habituados (haja vista os *burros-sem-rabo* que há anos integram a paisagem carioca), mas que ainda choca os portenhos, acostumados a um nível de desigualdade social menos obsceno que o nosso. O poeta explica:

“Hoje na Argentina, em razão dos problemas sociais, vemos nascer uma nova classe social, que é a dos cartoneros, gente de classe média ou baixa que ficou desempregada e portanto tem que sair à rua para catar papelão. Existe inclusive um trem que os traz dos subúrbios para a capital. E as cartonerías pagam a eles 20 centavos o quilo de papelão, o que não é nada. Nós inauguramos a pri-

meira cartonería comunitária do país, e da América Latina. Pagamos a eles 1 peso e meio o quilo, para que com o papelão que nos vendem produzam livros artesanais. Então, quem compra um de nossos livros sabe que paga uma hora de trabalho dos catadores de papelão. Trata-se de converter o lixo em livro!”

Impossível não pensar em Manolito, o amigo da Mafalda do cartunista Quino, ao ver Cucurto acrescentar, com genuína verve de mercador:

“Também vendemos verduras e batatas a preço de custo para todo o bairro! E expomos trabalhos de artistas plásticos que não são aceitos pelas grandes galerias. E vendemos, também, os livros que produzimos.”

Aqui, Santiago Vega, isto é, Washington Cucurto, apresenta o lema da editora, um dos dados que a fazem tão singular:

“Publicamos César Aira, Ricardo Piglia, Lamborghini... misturamos autores iniciantes e consagrados. Todos nos entregam seus originais, que são publicados apenas pela Eloisa Cartonera, são todos inéditos. Este é o nosso lema: a exclusividade.”

Mas, afinal, Santiago ou Cucurto? Quem é Washington Cucurto? Santiago Vega responde:

“Washington Cucurto é um pseudônimo, trata-se de um escritor dominicano da década de 70. É um pseudônimo que eu criei para tirar um pouco do peso da literatura de cima de mim, e assim poder escrever de uma maneira mais livre.”

E você, quem é?

“Eu sou Washington Cucurto”.

Um poema

De 'La fotocopidora y otros poemas'

Toalha

Enquanto as leves nuvens
da chuva
depositam breves gotas
trêmulas
você se seca no banheiro
e não escuta o ruído
que faz a água
quando a pele peluda
da toalha roça
a pele molhada do seu rosto.

Toalla

*Mientras las leves nubes
de la lluvia
depositan breves gotas
temblorosas
estás secándote en el baño
y no escuchás el ruido
que hace el agua
cuando la piel peluda de
la toalla roza
la piel mojada de tu cara.*

Santiago Vega (Washington Cucurto)
Tradução: Pedro Amaral